

ESTRUTURA DE POSSE DE ESCRAVOS EM ANGRA DOS REIS, SÉCULO XIX

Márcia Cristina de Vasconcellos
Doutoranda em História Econômica pela USP

Resumo: A presente comunicação busca apresentar os primeiros resultados relativos a algumas das características da estrutura de posse e da demografia escrava de Angra dos Reis, no litoral sul-fluminense, ao longo do século XIX. A localidade caracterizava-se por produções voltadas ao autoconsumo e mercado interno e estava indiretamente vinculada ao mercado externo na medida em que os portos aí localizados foram um dos principais meios de escoamento do café proveniente do vale do Paraíba fluminense e paulista. Tal movimento portuário dinamizou a vida econômica local na primeira metade do século, e a sua diminuição, ao longo da segunda metade do Oitocentos, foi, ao lado do término definitivo do tráfico externo de escravos em 1850, um dos elementos geradores de um quadro de abatimento econômico que se estendeu até a segunda década do século XX. Desta forma, buscamos verificar as características demográficas da população escrava e a estrutura de posse mediante comparação entre a primeira e a segunda metade do século XIX. As fontes principais analisadas são os inventários *post-mortem*, localizados no Museu da Justiça do Estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: demografia; estrutura de posse de escravos; século XIX.

Apresentação

A comunicação tem como objetivo a apresentação dos primeiros resultados sobre a demografia e a estrutura de posse de escravos que viviam e trabalhavam em Angra dos Reis, no litoral sul-fluminense, ao longo do século XIX. Observamos que são dados ainda parciais de um estudo maior que vem sendo realizado por nós, por isso as conclusões são ainda temporárias e aguardam o levantamento e análise dos demais processos existentes para o século XIX, relativos à localidade em estudo. Para esta reflexão fizemos uso de 56 inventários *post-mortem* abertos entre os anos de 1809 e 1882, localizados no Museu da Justiça do Estado do Rio de Janeiro.

1-Angra dos Reis no século XIX

As terras que compõem Angra dos Reis, no litoral sul-fluminense, foram localizadas pelos portugueses em 1502. Em 1607, a localidade foi elevada à condição de vila e transformada em cidade em 1835. No século XIX, era formada pelas freguesias da

Conceição, atual centro da cidade; da Ribeira; de Mambucaba; da Ilha Grande; e, a de Jacuecanga, criada em 1856, ocupando parte do território da primeira.

A paisagem local, no Oitocentos, era tomada por plantações de cana, da qual se produzia a aguardente, atividade que, segundo o Almanack Laemmert, era realizada por 25 fabricantes, no ano de 1856¹. Ao lado desta, encontramos 43 fazendeiros de café no centro de Angra, 59 na Ilha Grande e 20 em Mambucaba², apontando para a existência daquele cultivo na região resultando num produto de qualidade inferior se comparado ao plantado no vale do Paraíba, em função da umidade e temperatura elevadas. Pode-se considerar, também a existência de gêneros dedicados, essencialmente, ao autoconsumo, como o arroz, feijão e milho. Estes, ao lado da oferta de peixes, garantia a dieta de seus habitantes além de oferecer possibilidades de venda do excedente.

Seu litoral, até cerca da década de 1860, era uma das principais saídas do café proveniente do vale do Paraíba paulista e fluminense (PEREIRA, 1977), daí a melhoria da qualidade das estradas que ligavam o litoral e o interior e promovendo um intenso movimento portuário (VASCONCELLLOS, 2001).

Por volta da década de 1850, o Almanack Laemmert indica a existência de 19 armazéns de café, em 1852³, e a fixação de indivíduos dedicados à comercialização daquele produto. Ao mesmo tempo, o movimento portuário estimulou o emprego de moradores da região ao transporte e ofereceu maiores oportunidades de venda de excedentes produzidos aos homens que subiam e desciam a serra.

Com a chegada da segunda metade do século XIX, a abolição definitiva do tráfico externo de escravos, organizando e aumentando o tráfico interno de cativos das localidades menos às mais dinâmicas economicamente, e a diminuição do movimento portuário, em função da chegada da Estrada de Ferro D. Pedro II ao vale do Paraíba, foram fatores de desestímulo à economia local, abalando todos que lá viviam e que tinham naquelas terras suas propriedades e estabelecimentos comerciais. Assim sendo, vemos uma intensa diminuição da população escrava pois, se entre 1840 e 1856, houve um decréscimo de 893 cativos, passando de 10.552 para 9.659, nos anos posteriores

¹ Almanack Laemmert, ano de 1856.

² Almanack Laemmert, ano de 1856. Por certo, existiam muitos outros que plantavam e cultivavam o café, mas em quantidade menor.

³ Almanack Laemmert, ano de 1852.

desapareceram 5.115, chegando a 4.544, em 1872. Possivelmente, os cativos foram sendo vendidos às áreas de ponta na economia imperial. Houve, também, uma diminuição do ritmo de crescimento da população livre, se comparado à primeira metade do século XIX. A população livre, que havia crescido entre os anos de 1840 e 1856, em mais de 4.550 pessoas, passando de 12.050 para 16.600, entre 1856 e 1872, quando o aumento foi de apenas 689 indivíduos, chegou a 17.289 (VASCONCELLOS, 2001).

Como decorrência do quadro de “desânimo”, na década de 1880, via-se em Angra um pequeno cultivo de cana e de café e o início de um movimento realizado pela população local em prol da concessão da Estrada de Ferro do Cruzeiro à cidade de Angra dos Reis, que seria encarregada de escoar os produtos vindos do norte de São Paulo e do sul de Minas Gerais até o porto de Angra, onde seria conduzido ao porto do Rio de Janeiro (LIMA, 1972)⁴.

2-Estrutura de posse de escravos e características demográficas dos cativos

Para a presente comunicação, dispomos de 56 inventários *post-mortem* de escravistas que vivam ou tinham propriedades em Angra dos Reis. Vale observar que se refere a uma amostragem pois, são poucos processos para cobrir satisfatoriamente o grande intervalo temporal proposto para esta reflexão, ou seja, os anos de 1809 a 1882. Optamos por este corte temporal em função da disponibilidade documental, já que o inventário mais antigo data de 1809 e o mais “recente”, de 1882. Consideramos enquanto uma amostragem também em função da “fragilidade” em se trabalhar a questão com este tipo de fonte pois, além de representar o estágio final de vida econômica de um indivíduo, os processos são de anos variados, compreendem apenas aqueles indivíduos que tiveram seu patrimônio inventariado, ficando de fora uma grande massa populacional que ou não dispunha de bens a serem avaliados e partilhados pelos herdeiros, ou que possuíam bens, mas os herdeiros acabaram não abrindo o processo. Desta forma, trata-se de fonte que não oferece uma visão de todo o conjunto populacional ao longo do tempo, tal como apresentado pelas listas nominativas existentes, por exemplo, para a Capitania e Província de São Paulo.

⁴ A mesma preocupação estava presente entre os moradores da vizinha Parati. Ver SOUZA, 1994.

Mesmo diante destas observações, podemos, mediante os inventários, fazer uma aproximação do tema, inclusive em função de ser um dos únicos documentos que “melhor” oferece possibilidades de obtenção de conhecimento, no caso do Rio de Janeiro, de como a propriedade escrava estava distribuída, entre outras questões.

Os inventários, classificados como fonte cartorária e manuscrita, informam, entre outras, os nomes dos herdeiros, os bens indicados e seus valores, as dívidas passiva e ativa e a partilha do patrimônio dos inventariados. Destes informes, fizemos uso, para a presente reflexão, dos dados relativos às atividades desempenhadas, como agricultura, comércio e pesca, e o número de escravos possuídos. Dos cativos, trabalhamos com os dados relativos ao sexo, a origem (africanos ou crioulos), a procedência (Mina, Angola...) e suas idades.

Os inventários estão distribuídos da seguinte forma: com apenas um escravo, encontramos seis processos, datados de 1810, 1818, 1835, 1838, 1850 e 1862; quatro inventários com dois escravos, abertos nos anos de 1838, 1846, 1849 e 1867; seis com três cativos, datados de 1821, 1827, 1860, 1872, 1880 e 1882; quatro processos com quatro escravos, de 1829, 1845, 1861 e 1881; com cinco escravos, dois documentos abertos em 1842 e em 1845; dois processos com sete escravos, de 1841 e 1866; com oito cativos, temos dois inventários de 1820 e de 1843; dois processos com nove escravos, referentes aos anos 1864 e 1881; dois inventários com 10 cativos dos anos de 1857 e 1866; um com 12 cativos, de 1830; dois processos com 13 cativos abertos em 1849 e 1865; um inventário com 15 escravos datados de 1823; com 16 escravos, temos o inventário de 1849; dois processos com 17 cativos dos anos de 1809 e 1862; com 20 escravos, encontramos um processo de 1843; dois processos com 22 escravos, de 1811 e 1869; dois com 30 escravos referentes aos anos de 1851 e 1857; com 32, um documento de 1861; com 33, um processo de 1844; um processo com 34 cativos de 1827; com 38 escravos, um documento de 1856; com 39, um de 1826; dois processos com 40 cativos de 1831 e de 1865; com 43 escravos; um documento de 1858 contendo 44 escravos; com 50 escravos um processo de 1855; um de 1866 com 49 escravos; com 52 cativos, um de 1835; com 54 escravos, um de 1855; um processo de 1847 com 127; e, finalmente, um de 1862, com 139 escravos.

As atividades econômicas observadas nos inventários informam o predomínio da agricultura. O café, a cana e a mandioca estavam efetivamente presentes na paisagem local. Ou seja, estamos diante de uma área eminentemente rural, configurando um perfil comum a muitas regiões do Brasil colonial e imperial, como Lorena, em 1801. Nesta localidade, grande parte dos escravistas estava vinculada à agricultura e criação de animais (COSTA & NOZOE, 1989, 321). A propriedade de Ignácio Gonçalves da Silva Suzano, em 1881, transpõe a conjunção destes cultivos numa única propriedade e deixa implícito, tal como alguns outros inventários, que havia uma preocupação com produção da aguardente, pois também possuía engenho⁵. Nesta propriedade, também encontramos gêneros dedicados ao autoconsumo, como arroz, feijão e milho⁶.

Fugindo ao perfil predominante, localizamos dois comerciantes de secos e molhados, sendo que um deles possuía, além de dois estabelecimentos comerciais em duas freguesias de Angra, propriedades rurais onde plantava café e ainda dedicava-se ao transporte deste, originário de suas terras e do vale do Paraíba⁷. Temos uma proprietária de uma botica, no centro da cidade de Angra⁸. Finalmente, observamos que a pesca era praticada em todas as propriedades, já que redes de pesca e canoas foram citadas em todos os inventários.

Dos 1122 escravos e 4 ingênuos avaliados, verificamos o predomínio daqueles definidos como adultos, com 15 a 44 anos, em segundo vinham as crianças, com até 14 anos e em seguida os idosos, com 45 anos ou mais. Ou seja, estamos diante de uma população em plena capacidade produtiva.

⁵ Inventário de Ignácio Gonçalves da Silva Suzano, aberto em 1881. Museu da Justiça do Rio de Janeiro, caixa 815.

⁶ Inventário de Catharina Joaquina Rangel de Brito, aberto em 1843. Museu da Justiça do Rio de Janeiro, caixa 7.

⁷ Inventário de José Francisco da Silva, aberto em 1862. Museu da Justiça do Rio de Janeiro, caixa 21. O outro inventário é o de Custódio Teixeira Leite, aberto em 1827. Museu da Justiça do Rio de Janeiro, caixa 19.

⁸ Inventário de Adelaide Amélia de Oliveira Gomes, aberto em 1850. Museu da Justiça do Rio de Janeiro, caixa 1.

Tabela 1-Faixa etária dos escravos e ingênuos de Angra dos Reis, 1809-1882

anos	Crianças ingênuas (0-14 anos)		Crianças escravas (0-14 anos)		Adultos (15-44 anos)		Idosos (45 anos ou mais)		Sem identifica- ção		Total
1809-1849	0	0	154	29.2%	280	53.1%	86	16.3%	7	1.3%	527
1850-1882	4	0.7%	168	28.1%	288	48.2%	113	18.9%	29	4.8%	598

Fonte: Inventários *post-mortem*, Museu da Justiça do Rio de Janeiro.

Ao longo dos dois subperíodos contemplados, observamos o predomínio dos adultos sobre as demais faixas etárias, embora tenha diminuído percentualmente, passando de 53.1% para 48.2%. Tal movimento foi acompanhado também entre as crianças escravas que, na segunda metade do século XIX, conheceu uma nova categoria, a dos ingênuos, em decorrência da Lei do Ventre Livre, de 1871, que libertava as crianças nascidas de mães escravas. A faixa etária que cresceu percentualmente corresponde àqueles com 45 anos ou mais, demonstrando um processo de envelhecimento entre as escravarias de Angra dos Reis.

Em termos de comparação entre cada uma das variáveis para os dois subperíodos, vemos que em números absolutos todos aumentaram, sendo que o mais visível foi entre os idosos, seguido pelas crianças e, em terceiro pelos adultos.

Estes idosos era preferencialmente africanos, com aumento após 1850.

Tabela 2-Origem dos escravos idosos de Angra dos Reis, 1809-1882

anos	crioulos		africanos		Sem identifica- ção		Total
1809-1849	38	44.2%	46	53.5%	2	2.3%	86
1850-1882	17	24.0%	85	75.2%	1	0.9%	113

Fonte: Inventários *post-mortem*, Museu da Justiça do Rio de Janeiro.

Os africanos, já predominantes no primeiro subperíodo, tenderam a aumentar percentualmente no segundo. Isto estaria claramente vinculado ao término efetivo do tráfico de escravos, em 1850, e, portanto, a diminuição de entrada de africanos. Aqueles que em Angra dos Reis estavam tenderam a envelhecer ao longo do tempo.

Ligado ao processo dito acima, observamos a queda em números absolutos e percentuais de africanos entre os adultos.

Tabela 3-Origem dos escravos adultos de Angra dos Reis, 1809-1882

anos	crioulos	africanos	Sem identificação	Total
1809-1849	106 37.9%	173 61.8%	1 0.3%	280
1850-1882	189 65.6%	96 33.3%	3 1.1%	288

Fonte: Inventários *post-mortem*, Museu da Justiça do Rio de Janeiro.

Dos cativos avaliados verificamos uma mudança na origem. Antes de 1850, os africanos eram percentualmente mais presentes que os crioulos, representando que os senhores locais adquiriam seus cativos via comércio externo. Posteriormente, os crioulos passaram a compor a maior parte dos cativos adultos avaliados. Estamos diante de um processo de criouliização comum na segunda metade do século XIX a várias localidades brasileiras. Segundo o Recenseamento Nacional do Brasil de 1872, em Angra dos Reis a escravaria nascida no Brasil compreendia 80.7% do total de escravos, confirmando a tendência observada pelos inventários. O processo de criouliização poderia resultar de nascimentos realizados na localidade, da compra de cativos junto ao tráfico interno e, como visto, do envelhecimento da população adulta africana, passando a compor o grupo dos idosos.

Tabela 4-Sexo dos escravos adultos de Angra dos Reis, 1809-1882

anos	homens	mulheres	Total
1809-1849	159 56.8%	121 43.2%	280
1850-1882	165 57.3%	123 42.7%	288

Fonte: Inventários *post-mortem*, Museu da Justiça do Rio de Janeiro.

Entre os adultos predominaram os homens nos dois subperíodos, embora não representando grande desequilíbrio entre os sexos

Entre os cativos avaliados, os homens corresponderam 56.8% e 57.3%, respectivamente, em 1809-1849 e 1850-1882, e as mulheres, respectivamente, 43.2% e 42.7%. Ou seja, estamos diante de uma população predominantemente masculina, característica de um quadro econômico ativo. Percentual próximo ao localizado para Lorena em 1801, quando o percentual de cativos do sexo masculino correspondia a 54.6% (COSTA & NOZOE, 1989, 321) e diferentemente do que fora visto para Jacareí, em 1777 e 1804 (LUNA, 1988, 25).

Passando para a análise da estrutura de posse de escravos, observamos que as propriedades com 1-5 escravos chegaram a 39.3%, seguida pela faixa dos 21 ou mais cativos, correspondendo a 32.1% e seguida pelas com 6-10 e 11-20 escravos, representando 14.3%. 21-139 cativos se destacavam ligeiramente, correspondendo a 17 (34.0%) processos.

Tabela 5-Faixa de tamanho de plantéis, distribuição de escravos e ingênuos, 1809-1882.

	1-5		6-10		11-20		21 ou mais		Total
N plantéis	22	39.3%	8	14.3%	8	14.3%	18	32.1%	56
N escravos	57	5.1%	66	5.9%	126	11.2%	876	78.1%	1122
N ingênuos	2	50.0%	2	50.0%	0	0	0	0	4

Fonte: Inventários *post-mortem*, Museu da Justiça do Rio de Janeiro.

A seguir veremos alguns dados a partir da divisão por subperíodos.

Tabela 6-Faixa etária dos escravos e ingênuos de Angra dos Reis por faixas de tamanho de plantéis, 1809-1849

FTP	Crianças escravas (0-14 anos)		Adultos (15-44 anos)		Idosos (45 anos ou mais)		Sem identifica- ção		Total
1-5	8	23.5%	21	61.7%	4	11.8%	1	0.3%	34
6-10	8	34.8%	15	65.2%	0	0	0	0	23
11-20	22	27.5%	37	46.3%	21	26.2%	0	0	80
21 ou mais	116	29.7%	207	53.1%	61	15.6%	6	1.6%	390

Fonte: Inventários *post-mortem*, Museu da Justiça do Rio de Janeiro.

Entre todas as faixas de tamanho de plantéis verificamos o predomínio de escravos adultos, em 61.7%, estando em destaque as propriedades com até 5 escravos. Parece-nos que, entre os senhores menos aquinhoados, quando havia a possibilidade de obtenção de cativos, tendiam a adquirir aqueles com potencial produtivo maior. O mesmo é visto entre 6-10, onde os adultos chegaram a 65.2%. Nas demais faixas, os adultos compreenderam 46.3% e 53.1%, respectivamente em propriedades com 11-20 e 21 ou mais cativos. As crianças, por sua vez, corresponderam a 23.5%, entre escravarias com 1-5, e 34.8%, nas com 6-10 escravos. Enquanto os idosos estavam presentes principalmente nos plantéis com 11-20 cativos.

Tabela 7-Faixa etária dos escravos e ingênuos de Angra dos Reis por faixas de tamanho de plantéis, 1850-1882

FTP	Ingênuas (0-14 anos)		Crianças escravas (0-14 anos)		Adultos (15-44 anos)		Idosos (45 anos ou mais)		Sem identifica- ção		Total
1-5	2	8.0%	4	16.0%	13	52.0%	5	20.0%	1	4.0%	25
6-10	2	4.4%	14	31.1%	23	51.1%	6	13.3%	0	0	45
11-20	0	0	17	37.0%	20	43.5%	9	19.6%	0	0	46
21 ou mais	0	0	133	27.4%	232	47.7%	93	19.1%	28	5.8%	486

Fonte: Inventários *post-mortem*, Museu da Justiça do Rio de Janeiro.

Nos anos após 1850 observamos, mais uma vez, que as propriedades com 1-5 escravos davam prioridade aos cativos adultos, processo semelhante foi visto nas escravarias com 6-10 cativos. Nas demais faixas, vemos um percentual menor de escravos naquela faixa etária. Entre as crianças, o maior percentual encontrava-se nas escravarias com 11-20 e o menor, nas com até 5 escravos.

Comparando-se a primeira e a segunda metade do século XIX, podemos dizer, levando-se em conta o pequeno número de processos analisados, que não houve muitas mudanças no perfil da faixa etária dos escravos, predominando sempre os adultos, assim como pouca variação percentual de crianças. A diferença verificada refere-se ao percentual de idosos, tendente a aumentar após 1850. Ao lado deste movimento verificamos a diminuição percentual de africanos e, paralelamente, o aumento de crioulos, representando um processo de criouлизация presente na localidade.

Bibliografia

Almanack Laemmert, Município de Angra dos Reis, 1852 e 1856. Disponível na Internet: <http://www.uchicago.edu/info/brazil/almanak2.htm>.

CAPAZ, Camil. **Memórias de Angra dos Reis.** Rio de Janeiro: edição do autor, 1996.

CASTRO, Hebe Maria Mattos. **Ao sul da história.** Lavradores pobres na crise do trabalho escravo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Das cores do silêncio.** Os significados da liberdade no sudeste escravista-Brasil século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

COSTA, Iraci del Nero da. *Nota sobre posse de escravos nos engenhos e engenhocas fluminenses (1778).* **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n 28, p. 111-113, 1988.

_____. **Vila Rica: população (1719-1826).** São Paulo: IPE/USP, 1979.

_____. & NOZOE, Nelson. *Elementos da estrutura de posse de escravos em Lorena no alvorecer do século XIX.* **Estudos Econômicos**, São Paulo, vol 19, n 2, p. 319-345, maio/agosto de 1989.

_____, SLENES, Robert & SCHWARTZ, Stuart B. *A família escrava em Lorena (1801)*. **Estudos Econômicos**, São Paulo, vol 17, n 2, p. 246-295, maio/agosto 1987.

EL-KAREH, Almir Chaiban. **Filha branca de mãe preta: a Companhia da Estrada de Ferro D. Pedro II (1855-1865)**. Petrópolis: Vozes, 1982.

FARIA, Sheila de Castro. *História da família e demografia histórica*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história**. Ensaio de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 241-258.

_____. **A colônia em movimento** Fortuna e família no cotidiano colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FLORENTINO, Manolo Garcia. **Em costas negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

_____ & GÓES, José Roberto. **A paz das senzalas**. Família escrava e tráfico atlântico, Rio de Janeiro c. 1790- c. 1850. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FRAGOSO, João Luis. **Homens de grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

FRIDMAN, Fania. **Donos do Rio em nome do Rei**. Uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Garamond, 1999.

GODOY, Marcelo Magalhães. *Reconstituindo o movimento no tempo de uma estrutura de posse de escravos (Bonfim, 1832-1839)*. **Revista de História**, v 3, n 1, p. 67-79, 1992.

GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1992.

_____. **A escravidão reabilitada**. São Paulo: Ática, 1990.

_____. **Brasil em Branco & Preto**. O passado escravista que não passou. São Paulo: Editora Senac, 2000.

GUTIÉRREZ, Horácio. **Senhores e escravos no Paraná, 1800-1830**. São Paulo: 1986. Dissertação (Mestrado em Economia)-USP.

Inventários post-mortem de escravistas de Angra dos Reis. Museu da Justiça do Estado do Rio de Janeiro.

KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro, 1808-1850**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

KLEIN, Herbert S. *A demografia do tráfico atlântico de escravos para o Brasil*. **Estudos Econômicos**, São Paulo, vol 17, n 2, p. 129-149, maio/agosto 1987.

KNOX, Miridan Britto. **Escravos do sertão**. Demografia, trabalho e relações sociais. Piauí, 1826-1888. São Paulo: 1993. Tese (Doutorado em História)-USP.

LIBBY, Douglas Cole. **Transformação e trabalho em uma economia escravista**. Minas Gerais no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LIMA, Honório. **Notícia histórica e geográfica de Angra dos Reis**. 2 ed. Angra dos Reis: Prefeitura Municipal, 1972.

LUNA, Francisco Vidal. *Casamento de escravos em São Paulo, 1776, 1804, 1825*. In.: CONGRESSO SOBRE A HISTÓRIA DA POPULAÇÃO DA AMÉRICA LATINA, 1989, Ouro Preto. **História e População: estudos sobre a América Latina**. São Paulo. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados, 1990. p. 226-236.

_____. *Estrutura de posse de escravos e atividades produtivas em Jacareí (1777 a 1829)*. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n 28, p. 23-35, 1988.

_____. **Minas Gerais: escravos e senhores – análise da estrutura de populacional e econômica de alguns centros mineratórios (1718-1804)**. São Paulo: IPE/USP, 1981.

_____. & COSTA, Iraci del Nero da. *Vila Rica: notas sobre casamentos de escravos (1727-1826)*. **África. Revista do Centro de Estudos Africanos da USP**, São Paulo, n. 4, p. 105-109, 1981.

MACHADO, Maria Helena P. T. **Crime e escravidão**. Trabalho, luta e resistência nas lavouras paulistas, 1830-1888. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *Em torno da autonomia escrava: uma nova direção para a história social da escravidão*. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 8, n. 16, p. 143-160, mar./ago. 1988.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **Caiçara: terra e população**. Estudo de demografia histórica e da história social de Ubatuba. São Paulo: Paulinas/CEDHAL, 1986.

MARCONDES, Renato Leite. *O evolver demográfico e econômico nos espaços fluminenses (1789-1840)*. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 25, n 2, p. 235-270, maio/agosto 1995.

_____. **A arte de acumular na economia cafeeira**. Vale do Paraíba, século XIX. Lorena (SP): Stiliano, 1998.

_____. *A propriedade escrava no Vale do Paraíba durante a década de 1870*. **Texto para Discussão. Série Economia**. São Paulo: FEA/USP – Ribeirão Preto, 2000. (mimeografado).

MARTINS, Roberto R. *Minas e o tráfico de escravos no século XIX, outra vez*. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n 11, p. 93-129, jul/dez. 1994.

MENDES, Alípio. **Ouro, incenso e mirra**. Angra dos Reis: Gazeta de Angra, 1970.

METCALF, Alida. *Vida familiar dos escravos em São Paulo no século XVIII: o caso de Santana de Parnaíba*. **Estudos Econômicos**, São Paulo, n. 17, p. 205-212, 1987.

_____. *A família escrava no Brasil colonial*. In.: CONGRESSO SOBRE A HISTÓRIA DA POPULAÇÃO DA AMÉRICA LATINA, 1989, Ouro Preto. **História e População: estudos sobre a América Latina**. São Paulo. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados, 1990. p. 205-212.

MOTT, Luiz. *Os índios e a pecuária nas fazendas de gado do Piauí colonial*. **Revista de Antropologia**, vol XXII. São Paulo: FFLCH, 1979. p. 61-78.

MOTTA, José Flávio **Corpos escravos, vontades livres**. Posse de escravos e família escrava em Bananal (1801-1829). São Paulo: FAPESP/Annablume, 1999a.

_____. *The historical demography of Brazil at the V centenary of its Discovery*. **Ciência e Cultura: Journal of the Brazilian Association for the Advancement of Science**, vol 51, n 5/6, p. 446-456, september/december 1999b.

MOTTA, José Flávio. *A Demografia Histórica no Brasil: Contribuições à Historiografia*. Revista 12,1999c.1-19. Disponível na Internet:<http://www.abep.nepo.unicamp/motta.doc>.

_____. *Demografia histórica no Brasil*. In ARRUDA, José Jobson & FONSECA, Luís Adão da. (orgs.). **Brasil-Portugal: história, agenda para o milênio**. Bauru, São Paulo: EDUSC; São Paulo: FAPES; Portugal, PT: ICCTI, 2001. p. 473-507.

_____ & COSTA, Iraci del Nero da. *Demografia histórica: da sementeira à colheita*. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Brasília, vol 14, n 1/2, p. 150-157, jan./dez. 1997.

_____, NOZOE, Nelson & COSTA, Iraci del Nero da. *Às vésperas da abolição: um estudo sobre a estrutura de posse de escravos em São Cristóvão (RJ), 1870*. Texto inédito, 2002.

_____ & MARCONDES, Renato Leite. *O comércio de escravos no Vale do Paraíba Paulista. Guaratinguetá e Silveiras na década de 1870*. **Estudos Econômicos**, São Paulo, vol. 30, n. 2, p. 267-299, abril/junho 2000a.

_____. *A família escrava em Lorena e Cruzeiro (1874)*. **População e Família**, São Paulo, n 3, p. 93-128, 2000b.

NEVES, Maria de Fátima R. *Ampliando a família escrava: compadrio de escravos em São Paulo do Século XIX*. In.: CONGRESSO SOBRE A HISTÓRIA DA POPULAÇÃO DA AMÉRICA LATINA, 1989, Ouro Preto. **História e População: estudos sobre a América Latina**. São Paulo. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados, 1990. p. 237-243.

PAIVA, Clotilde Andrade. **População e economia nas Minas Gerais do século XIX**. São Paulo: 1996. Tese (Doutorado em História)-USP.

_____ & KLEIN, Herbert S. *Escravos e livres nas Minas Gerais do século XIX: Campanha em 1831*. **Estudos Econômicos**, São Paulo, vol 22, n 1, p. 129-151, janeiro/abril 1992.

_____ & LIBBY, Douglas Cole. *Caminhos alternativos: escravidão e reprodução em Minas Gerais no século XIX*. **Estudos Econômicos**, São Paulo, vol 25, n 2, p. 203-233, maio/agosto 1995.

PEREIRA, Waldick. **Cana, café & laranja**. História econômica de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro: FGV, 1977.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo: colônia**. São Paulo: Brasiliense, 20 ed. 1987.

Recenseamento Geral do Brasil, 1872. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

REIS, João José & SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito**. A resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

- ROCHA, Cristiany Miranda. **Histórias de famílias escravas em Campinas ao longo do século XIX**. Campinas: 1999. Dissertação (Mestrado em História)-UNICAMP.
- RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. 7 ed. Brasília: Edunb, 1988.
- SAMPAIO, Antonio C. J. de. *A família escrava e a agricultura mercantil de alimentos: Magé, 1850-1872*. **População e Família**, São Paulo, vol. 1, n. 1, p. 119-141, jan/jun. 1998.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questões raciais no Brasil: 1870-1930. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- SCHWARTZ, Stuart. **Segredos internos**. Engenhos e escravos na sociedade colonial. Trad. Laura Teixeira Motta. 2 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- _____. **Escravos, roceiros e rebeldes**. Trad. Jussara Simões. Bauru: EDUSC, 2001.
- SILVA, Eduardo. **Dom Obá II D'África, o príncipe do povo**. Vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- SILVA, Luiz Geraldo. **A faina, a festa e o rito**. Uma etnografia histórica sobre as gentes do mar (séculos XVII ao XIX). Campinas: Papirus, 2001.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Sistema de casamento no Brasil Colonial**. São Paulo: T. A. Queiroz/ Edusp, 1984.
- _____. **História da família no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- SLENES, Robert W. **The demography and economics of brazilian slavery: 1850-1888**. Stanford: 1976. Tese (Doutorado em História)-Stanford University.
- _____. *Escravidão e família: padrões de casamento e estabilidade familiar numa comunidade escravista (Campinas, século XIX)*. **Estudos Econômicos**, São Paulo, vol 17, n 2, p. 217-227, maio/agosto 1987.
- _____. *Senhores e subalternos no oeste paulista*. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **História da vida privada no Brasil**. Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Cia das Letras, 1997. vol. 2. p. 233-290.
- _____. **Na senzala, uma flor: as esperanças e recordações na formação da família escrava**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SOARES, Mariza de Carvalho. **Devotos da cor.** Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SOUZA, Marina de Mello e. **Parati: a cidade e as festas.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.

TEIXEIRA, Heloísa Maria. **Reprodução e famílias escravas em Mariana, 1850-1888.** São Paulo: 2001. Dissertação (Mestrado em História)-USP.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópicos dos pecados.** Moral, sexualidade e inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

VALENTIN, Agnaldo. *Ouro paulista: estrutura domiciliar e posse de escravos em Apiaí (1732 a 1798).* **Estudos Econômicos**, São Paulo, v 31, n 3, p. 551-585, julho-setembro, 2001.

VASCONCELLOS, Marcia Cristina. **Nas bênçãos de Nossa Senhora do Rosário.** Relações familiares entre escravos em Mambucaba, Angra dos Reis, 1830 a 1881. Niterói: 2001. Dissertação (Mestrado em História)-UFF.

_____. Pais e filhos nos limites da escravidão. São Paulo: Nativa, 2002.